

Aracati – Terra de belezas e de glórias

ZORRILLO SOBRINHO (1927-2009) -
pertenceu à ASL

Fragmento do livro “Crônica das Cidades Amadas”, Zorrillo Sobrinho, 1994. Texto escrito em Campo Grande - MS, em novembro de 1987

Aracati é uma das cidades mais velhas do Ceará e, outrora, apresentou desenvolvimento e atingiu grande esplendor. A cidade tem ruas retas e compridas, praças e muitas torres de igrejas apontando para o céu, indicando a religiosidade de seus habitantes. Cidade culta e civilizada. Viver em Aracati foi, pra mim, experiência valiosa e inesquecível.

Segundo escreveu João Brígido, citado por Abelardo C. Lima em seu livro “Terra Aracatiense”: “Quando a gente de Aracati era a mais civilizada do Ceará, assim na roupa, como em tudo mais, daí saíam para as outras vilas os homens que mais se distinguiam em música, letras e ciências”.

Paulatinamente, fui descobrindo os encantos de Aracati – e são tantos! O principal é sem dúvida a praia de Majorlândia. Quanta beleza! Desde o alvorecer, quando o mar vai cambiando a cor até ficar bem verde em pleno meio-dia, mudando depois para azul ao entardecer. Durante todos os momentos do dia, é um espetáculo para os olhos. E, ao luar, passa a ser fascinante. Eu me imaginava em Shangri-La, o belo e misterioso local criado pela imaginação do escritor James Hilton em seu livro “Horizonte Perdido”. Visão inesquecível... uma realidade fantástica, num sonho acordado.

Aracati tem uma posição privilegiada do ponto de vista paisagístico. Além da praia de Majorlândia, há outras igualmente lindas como a de Quixaba, o Retiro Grande, onde fica a célebre Ponta Grossa, local que se diz ter sido o primeiro ponto da terra brasileira tocado por um europeu, antes de Cabral, no caso o espanhol Vicente Yanes Pinzón. Em todas



Colégio Marista de Aracati - 73 anos, exemplar estabelecimento de ensino do Brasil

“Terra de gente muito inteligente e espirituosa. São naturais de Aracati destacadas personalidades...”

elas, o banho é maravilhoso. Além das praias mencionadas, merece destaque a de Canoa Quebrada, de notoriedade internacional. Tem vindo gente do mundo inteiro para conhecê-la. Era um paraíso ecológico, e já foi um Éden antes que os novos adões e as novas evas, os turistas, o descobrissem.

Uma curiosidade é que nas praias de lá há água doce, seja aparecendo depois que a maré baixa seja em mananciais que descem dos morros. E, além das praias do mar, existem as fluviais, do Rio Jaguaribe, em frente à cidade, no porto dos Barcos, ou então no Fortim, situ-

ado à beira do Jaguaribe. Entre a foz do Jaguaribe e Majorlândia, existem muitas dunas, como a do Cumbe, com belos sítios e lagoas de água doce. Do Cumbe provinha antigamente uma afamada aguardente de cana.

Aracati fica apenas a 160 km de Fortaleza. Existem duas estradas asfaltadas para a ligação entre as duas cidades, sendo uma litorânea, que mostra, em sua extensão, impressionantes panoramas – lagoas, rios, coqueirais, carnaubais, etc. O clima da cidade é adorável. Na calçada de nossa casa era um deleite sentar à tarde, para ser acariciado pela brisa que sopra do mar – o conhecido vento Aracati – aliás, Aracati quer dizer, em tupi, vento de maresia, ou bons ventos. À noite, formávamos uma roda de pessoas animadas, onde não faltavam cantores, violonistas e poetas. Aracati é uma cidade privilegiada. Tem-se lá uma alimentação variada e saborosa – a sertaneja e a praiana.

Terra de gente muito inteligente e espirituosa. São naturais de Aracati destacadas personalidades no mundo da literatura, das artes, da ciência, da política e da religião, como, por exemplo, Adolfo Caminha, escritor, autor de “A Normalista” e “O Bom Crioulo”; Jacques Klein, famoso pianista; e figuras históricas como Pedro Bandeira, Castro e Silva, José Avelino, Liberato Barroso, Major Facundo e Costa Barros, todos nomes das principais ruas do centro de Fortaleza.

Guardamos uma indelével lembrança dos ótimos colégios onde nossos filhos lá estudaram – Ginásio São José, das Irmãs de Caridade; o famoso Colégio Marista de Aracati, dos Irmãos Maristas; e o Instituto Valdemar Falcão, das salesianas. Neles, colhemos muitas alegrias nos festejos finais de curso ou de fim de ano, e quando dos êxitos que nossos filhos alcançavam. Aracati é ainda uma página que lemos com muita saudade.

ACP 70 anos... em livro de Eronildo Barbosa da Silva

RUBENIO MARCELO - Cadeira nº 35 da ASL

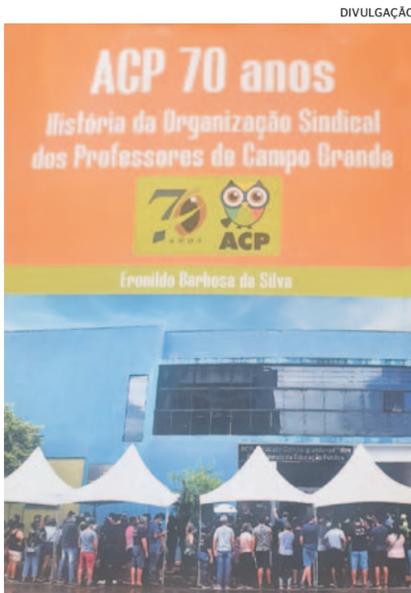
Honrado, recebi o novo livro do escritor e professor Eronildo Barbosa da Silva: “ACP 70 anos – História da Organização Sindical dos Professores de Campo Grande” (Ed. Life). A obra comemorativa às sete décadas da ACP (Sindicato Campo-Grandense dos Profissionais da Educação Pública) – de relevante valor para o estudo da Educação em MS – traz prefácio de Ronaldo Franco (ex-presidente da ACP) e apresentação de Amarílio Ferreira Jr.

São dezoito imperdíveis capítulos distribuídos nas 268 páginas do livro e que enfocam, com riquezas de detalhes, desde a gênese da ACP de Campo Grande até os dias atuais, enfatizando – ao longo da obra – as específicas e intensas ações sindicais, mudanças e lideranças na política sindical da septuagénária entidade, lutas e conquistas no decorrer da história. Outrossim, deveras valoroso também é o farto material fotográfico contido no livro, especialmente nas págs. 233 a 265.

Fruto de desvelo e abalizada investigação do seu autor, a obra “ACP 70 anos – História da Organização Sindical dos Professores de

Campo Grande” celebra a trajetória exemplar dessa essencial categoria profissional e da ACP, importante entidade sindical de Mato Grosso do Sul, que atualmente conta com a expressiva filiação de cerca de cinco mil professores e professoras. Criada em 1952, a ACP teve como uma das fundadoras – e sua presidente por dois fecundos mandatos – a nossa (hoje saudosa) confreiira Maria da Glória Sá Rosa (a inesquecível Profª Glorinha), que ocupou a Cadeira nº 19 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e nos deixou em 2016.

Conhecedor da história e exímio escritor/professor, Eronildo Barbosa da Silva enquadra os fatos (vivenciados e/ou pesquisados) com peculiar maestria, concatenando detalhes e informações. E – com o dom inato do grande historiador que é – proporciona aos leitores o entendimento envolvente do que escreve, característica que torna suas obras dignas do reconhecimento e do aplauso do público. O autor está de parabéns por mais esta significativa criação: “ACP 70 anos – História da Organização Sindical dos Professores de Campo Grande”, livro que será lançado oficialmente na manhã deste sábado, 15



de outubro – Dia do Professor, no Clube de Campo da ACP: Av. Conde de Boa Vista, 4.151 – Santa Emília, CG/MS. Vale a pena conferir!

Os dedos do Cristo de meu avô

PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA - Cadeira nº 15 da ASL

O Cemitério Municipal de Aquidauana lembra um plano surreal de organização. Somente os familiares conseguem localizar os túmulos dos seus entes queridos. Não há um arruamento ou uma orientação numérica. Os jazigos, capelas e túmulos se amontoam em todos os sentidos, com distâncias praticamente impossíveis de existir.

O túmulo do meu avô possui uma imagem de Cristo, em mármore branco, quase em tamanho natural. Ele segura suas vestes com a mão esquerda e, com a direita, estendida, parece abençoar o local. Pois bem, um fato deplorável aconteceu com esta escultura, justamente na mão que abençoa: há já alguns anos, um vândalo, ou talvez um fanático religioso, não sei, golpeou a imagem, decepando dois de seus dedos. Constatei esse fato visitando o cemitério e fiquei indignado com a ocorrência. Entretanto, olhando para o chão, verifiquei que os dois dedos, agrupados e decepados, estavam ali mesmo, junto ao túmulo. Pensei que poderia resolver esse caso do-

lando os dedos com uma cola Super Bonder. Assim o fiz. E o Cristo voltou a abençoar, com os dedos completos.

Alguns meses depois, fui ao cemitério e constatei que, talvez o mesmo vândalo, havia atentado novamente contra a imagem do Cristo. Só, que desta vez, decepou todos os dedos que abençoavam. Não encontrei, em volta do túmulo, nenhum vestígio dos pedaços de mármore. Nova indignação! Mas, desta vez, sem nenhuma possível solução.

Mais um tempo decorreu, não sei se meses ou anos, quando, numa ida ao Cemitério Municipal, e visitando o túmulo do meu amigo e ex-colega de magistério, Arnaldo Begossi, chamou-me a atenção, ali perto do seu túmulo, o brilho de uma pedrinha branca meio enterrada na grama. Pois bem, para provocar em mim um espanto do acaso, ou um mistério do além, eram os dois dedos do Cristo do meu avô que eu havia anteriormente colado. Longe talvez uns sessenta metros da estátua decepada.

O ambiente introspectivo do cemitério provocou em mim um imaginário telúrico: a imagem do Cristo, sem os dedos, nos transpor-

tou para novas indagações imateriais, e a lembrança do meu amigo, que, em vida, era obcecado pela figura de Jesus de Nazaré, tumultuou minha cabeça. Haveria uma lógica em tudo isso? O fantástico, o extraordinário, teria acontecido ali? Não sei! Talvez nem a nossa vã filosofia decifre esse relato acontecido entre o céu e a terra...

Colei novamente os dois dedos na imagem e fiquei esperando que um milagre pudesse desvendar o mistério, com o achado dos outros três dedos faltosos. Muitos anos se passaram. Eu, sempre visitando o cemitério com muita atenção, olhando para o solo, com cuidado, e perguntando: os dedos do Cristo algum dia serão encontrados, talvez próximos a algum túmulo que os abrigue e revele?

Hoje, depois de anos de espera e de esperança de encontrar um final feliz para esse mistério, tomei uma decisão intempestiva: reproduzir e colar os três dedos faltosos, moldando-os com uma massa de Durepoxi.

Pronto! Acabou o mistério! O Cristo do meu avô, Estêvão Alves Corrêa, um dos fundadores da cidade de Aquidauana, conta agora com os dedos completos na sua mão que abençoa.

+POESIAS

Das constatações

a vida...
uma sucessão de atos íntimos
feitos, dissolutos,
pincelados,
cinzelados,
breviário
de fantasias e sonhos
reino de
mesquinhos horizontes terrenos.

ANA MARIA BERNARDELLI

Poço do amor

Poço profundo no fundo de amar.
Amor mais fundo esse.
Sobe no balde furado, derrama tudo,
corda esgarçada na roldana range
feito dor do fundo do mundo.
No fundo, quem sabe do pranto é o povo,
onde amantes vertem águas de lágrimas.
Moedas valem desejos do poço.
E no poço, dinheiro o que serve?
Se o alimento do desejo não é o dinheiro,
o fundo do poço é o raso da vida.

AMÉRICO CALHEIROS

Nosso amor

Receba minhas trêmulas mãos
com a ternura dantes tão sonhada
Vamos reviver a glória
do sentimento que resiste ao passado
Não é saudade, pois estamos vivos
Na luz e no calor dos nossos corpos
Na candura cintilante em nossas almas
Quando eu quero e você quer
O mistério se faz encanto
Na alegria do sentir
Dançamos valsas e boleros
Nosso amor não é quimera
É fogo ardente em nosso peito
Paixão que se resolve em nosso leito.

GUIMARÃES ROCHA

Topázio

O topázio é feito de pôr do sol,
De lágrimas de coruja;
Há sabedoria metafísica
No seu amarelo de água suja.

RAQUEL NAVEIRA

Haikais

Batalhões de espinhos
protegem as rubras rosas
que bailam ao vento.

Colher flores duma
planta é abortar os frutos
que nascer iriam.

Dar flores é querer
agradar alguém querido
com morte dos frutos.

J. BARBOSA RODRIGUES

Em busca de custo

HÉLIO SEREJO (1912-2007) - pertenceu à ASL

O homem dos ervais da minha terra é um destemido. Não conhecendo o perigo, também não encontra obstáculos quando quer desempenhar uma missão a ele confiada, por mais espinhosa, por mais árdua que esta seja.

Na sua tez bronzeada, no seu linguajar pausado ou intempestivo, traz estampada sempre a sua natureza de guapo e arrojado.

Foge sempre, submisso, dos perigosos entretovers, mas, quando ferido em seu amor-próprio, topa qualquer parada.

Nos medonhos charravascais, no mais hirtuoso da floresta escura e farfalhante, nos grandes e tenebrosos charcos e nos espinhais cerrados, ele caminha, parando de instante a instante para se orientar, com a mesma cautela do jaguar faminto, que, nas longas estiações, varando as matas em busca de nova presa, tem as pisadas mais suaves do que o caminhar da graciosa e descuidada cotia.